

Tomada de Posse

Liga Portuguesa de Futebol Profissional

Intervenção de Fernando Gomes

A primeira palavra é, como não podia deixar de ser, de agradecimento pela confiança que em nós depositaram: aos clubes e aos dirigentes que apoiaram esta candidatura, a todos os que a integram e a todos aqueles que, sem a integrarem, ajudaram a que hoje aqui estivéssemos.

A gratidão é uma característica que aprecio nas pessoas.

Gratidão e memória.

Por isso não devo deixar de agradecer ao Dr. Hermínio Loureiro o esforço que entregou a esta causa nos últimos quatro anos.

Não estive de acordo com ele em vários momentos: ele sabe-o melhor que ninguém.

Depois de contactar de forma mais próxima os associados da Liga há algo que concluímos: a espuma dos dias de futebol vicia-nos muitas vezes a razão.

Mas devemos saber reconhecer, quando a espuma passa, as marcas que deixou na areia.

Hermínio Loureiro deixou uma marca e só não é capaz de o reconhecer quem não falar com os dirigentes, os patrocinadores e os colaboradores desta casa.

Ficamos-lhe gratos.

Feito o justificativo da gratidão, vale a pena um apelo de memória.

Se não tivermos memória não conhecemos a nossa essência e sem conhecer a nossa essência não saberemos evoluir.

Na nossa memória tem de estar o major Valentim Loureiro.

Li hoje na imprensa que decidiu colocar um ponto final na sua carreira de dirigente desportivo.

Desejamos-lhe sorte para os próximos desafios e temos memória bastante para reconhecer que entre as maiores conquistas políticas desta Liga muitas se viveram sob a sua condução e que a casa física onde decorre esta cerimónia foi obra da sua energia.

Quem tiver memória não pode também deixar de lhe agradecer.

Caras amigas e caros amigos,

Tenho 58 anos. Sou casado há 34. Tenho 3 filhos. Sou economista. Sou determinado.

Sou portista. Sou perfeccionista. Gosto muito de desporto e adoro futebol.

Quando nasci, Portugal vivia um tempo diferente. O sonho da liberdade, vivi-o com pouco menos de 25 anos. Um ano depois estava casado e desde os 18 que trabalhava para sustentar as despesas da minha formação.

Passei por vários tempos e aquele de que mais gosto é sempre o que ainda não vivi.

Acredito que a Presidência da Liga de Futebol é o maior desafio da minha carreira profissional.

Caros Associados,

Não chego à Liga empurrado por ninguém. As pernas que aqui me trouxeram foram as minhas. Os senhores sabem. Sempre vos afirmei: **preferia perder com dignidade que ganhar esta eleição condicionado.**

Não me deixei condicionar por ninguém.

Tenho a equipa que quero, as pessoas em quem confio e o programa que entendo ser o mais adequado aos tempos que vivemos e às condições que vamos encontrar.

Também não venho aqui com o discurso do dirigente que, coitado, lá teve de assumir esta tarefa. Estou aqui porque quero. Devo ser o maior entusiasta, o mais motivador, mas também o mais consciente das realidades.

Estou cá com a vontade inteira. Venho para quatro anos intensos e difíceis, não venho para vender ilusões de liberdade.

Entendam bem as minhas palavras. Vou tentar ser muito claro:

Se cada um dos clubes não conseguir a sua independência financeira, jamais seremos livres. Temos muito que andar para conquistar essa liberdade que poucos de nós, nesta sala, sentirão verdadeiramente.

Quero um futebol no tempo da liberdade.

Na Liga quero uma estrutura profissional forte, capaz, competente, que sirva os clubes e não apenas um ou outro presidente, esta ou aquela administração.

Minhas senhoras e meus senhores,

Nos próximos dias discutirei com a Comissão Executiva e a Direcção da Liga uma proposta de alteração estatutária para a Liga mostrar aos adeptos, ao País e ao Governo, que é uma entidade credível e defensora da lei.

Reconheço o esforço para o cumprimento de regras exigentes por parte dos clubes.

Quero deixar manifesto que considero que numa Associação Patronal como é a Liga, o cumprimento de regras que a todos obriga é essencial à sua dinâmica de respeito na sociedade e uma condição vital para a sua própria existência enquanto tal.

Mas não vivemos fora da realidade.

Vivemos num país de emprego precário, mal remunerado e onde há incontáveis situações de salários em atraso, num Portugal onde a produtividade não impera, onde os recursos escasseiam e a confiança se dilui.

Apesar destas dificuldades, queremos construir um futebol profissional a sério. E não há nenhum engenheiro que comece a casa pelo telhado.

Os nossos parceiros vão ter de perceber que a casa se faz de alicerces sólidos, os tais alicerces que vão conferir-nos segurança e liberdade. Faremos um diagnóstico aprofundado e um plano de acção integrado.

Um plano que engloba modelo de desenvolvimento desta indústria, quadros competitivos adequados, recursos financeiros disponíveis, mudanças regulamentares necessárias e tudo o mais que sentirmos que merece ser integrado neste plano.

Se continuarmos a pensar que o único problema é financeiro, vamos atirar o pouco dinheiro que conseguirmos acrescentar ao que temos para cima do problema que vivemos. O resultado é fácil de concluir: ficaremos com um problema maior.

Esse não é, não pode ser, o nosso caminho. Temos de agir rápido, mas não podemos correr desenfreadamente em cima de uma corda a 500 metros do chão sem saber onde vamos cair se nos desequilibrarmos.

A pressa é inimiga da perfeição e o pior que podemos fazer é dar passos em falso, fazendo crescer a tal ilusão de liberdade.

O futebol livre conquista-se com planeamento, avaliação de recursos, estratégias globais e uma acção determinada. É para isso que cá estamos, é esse o grande desafio, é a diferença entre o 7 de Junho de 2010 e o 7 de Junho de 2014 que quero que avaliem.

São 1460 dias a trabalhar. Não são 100. Um mandato é uma maratona, não importa muito saber quem vai à frente a meio do caminho, o importante é chegar à meta em condições de correr mais uma.

Minhas senhoras e meus senhores,

Para não ser exaustivo, escolhi 10 temas que fazem parte da nossa agenda de prioridades:

1. **Regular** o mercado das apostas desportivas com receitas para os clubes que sustentam a possibilidade dessas apostas existirem;
2. **Potenciar** as receitas comerciais e televisivas dos clubes, por via directa ou indirecta. Nesta área há muito para desenvolver na promoção do produto futebol;
3. Sem prejuízo de ajustamentos regulamentares no imediato, **construir** uma matriz de regulamentos novos para vigorarem a partir de 2011/2012;
4. **Melhorar** o espectáculo de futebol e os estádios para algo mais atractivo, confortável e seguro para as famílias;
5. Nos últimos anos, vários governantes afirmaram que o futebol profissional é um contribuinte líquido, muito vigiado e cumpridor. É tempo de **transformar** esse reconhecimento, num quadro normativo fiscal uniforme, coerente com o carácter específico do Desporto, reconhecido no Tratado de Lisboa e que nos restitua a competitividade perante os mercados concorrentes;
6. **Avançar** com uma proposta concreta ao Governo para que se enquadrem normas legais para a viabilização do processo de profissionalização da arbitragem. Sem regulação legal a profissionalização não pode avançar;
7. **Promover** um novo contrato colectivo de trabalho dos jogadores profissionais de Futebol. Uma oportunidade histórica para que a Liga e os sindicatos representativos dos atletas permitam o acesso à profissão a um maior número de jogadores nacionais;
8. **Criar** uma central de compras e serviços na Liga, à qual os clubes podem recorrer com ganhos económicos e uma maior facilidade de gestão da sua tesouraria;
9. **Rever** o modelo competitivo da Liga de Honra no actual quadro de desenvolvimento do futebol profissional. Esta revisão deve resultar da avaliação integrada que vamos desenvolver de imediato e no mesmo princípio de que a pressa não deve fazer-nos saltar etapas essenciais ao sucesso que procuramos;

10. **Sediar** na Direcção de Competições da Liga um diálogo forte, estruturado e coerente com a Federação Portuguesa de Futebol que vise o objectivo comum da potenciação e do desenvolvimento da modalidade e dos jogadores nacionais;

Estes pontos não são um programa de governação. São uma pequena parte de uma visão alargada do papel da Liga enquanto agente federador de interesses comuns.

A verdade é que ao longo destes meses me fui apercebendo que o primeiro trabalho do Presidente da Liga é estabelecer os canais de comunicação correctos para que os clubes entendam que, de facto, é muito mais aquilo que têm em comum do que aquilo que os distingue.

Caros Amigos,

Sabemos que está aí um novo Regime Jurídico das Federações e que a nossa Federação ainda não adaptou os seus estatutos à Lei.

Respeitaremos sempre os legítimos anseios de cada associado da Federação, mas não podemos aceitar, que haja um bloqueio permanente de um processo que a todos afecta e que há muito deveria estar concluído.

Reconhecemos que o Presidente Gilberto Madaíl tudo tem feito para que o consenso impere e a Federação regresse à normalidade.

Alerto até para a candidatura ao Mundial de 2018, que temos em marcha em parceria com Espanha e para os prejuízos que uma desconformidade legal pode significar nesse dossiê em que o Estado português está empenhado.

As perguntas que uma entidade como a Liga tem de colocar são:

Quem resolve este processo?

Como resolve?

Quando resolve?

Se ninguém em Portugal conseguir dar resposta a estas perguntas, ninguém terá autoridade factual ou moral para exigir de nós o que quer que seja.

Ocuparei o lugar de vice-presidente da Federação Portuguesa de Futebol num espírito de absoluta lealdade e colaboração com o actual Presidente a quem manifesto todo o apoio do futebol profissional para o fim deste longo processo de adaptação estatutária às normas legais que a todos obriga.

Mas devo deixar um alerta sério.

A nova lei coloca como imperativo um Conselho de Arbitragem único e um Conselho de Disciplina único.

Estes órgãos determinam, e muito, o sucesso ou o insucesso da nossa indústria.

Não esperem que fique quieto. Vou ter um papel interventivo.

Quero um futebol limpo, livre, transparente e democrático. Sem estes quatro pilares não há modelo de negócio que resista.

A autonomia destes órgãos é uma exigência de base, mas o Estado pode ajudar-nos a ir mais além.

Podemos, sem hesitações e sem medo, avançar, num curto espaço de tempo, para a criação de um Tribunal Desportivo que seja a instância máxima de defesa dos agentes desta e de outras modalidades.

Mas não conseguiremos sozinhos este objectivo.

O Estado e o Governo não podem dizer que não.

O futebol profissional exige a criação de um tribunal desportivo em Portugal.

Minhas senhoras e meus senhores,

Temos muito trabalho à nossa espera.

Termino com uma palavra para todos os associados, os que votaram em nós e os que não o fizeram, para os patrocinadores e parceiros da Liga e de todos os clubes, para os jogadores, os treinadores, os árbitros, para os adeptos de futebol que vão ao estádio e os que assistem pela televisão, para os que ainda não são adeptos e para aqueles que tenham, por algum motivo, deixado de o ser:

Este é o nosso maior desafio.

O futebol é um jogo de incertezas, de paixão, de resultados às vezes improváveis, outras tantas imprevisíveis.

Também por isso, acabo com um reconhecimento improvável e uma manifestação imprevisível.

O reconhecimento improvável a um homem que foi e é um grande senhor do dirigismo, sem protagonismos, um servidor do futebol, que também hoje deixa a Liga mas que deve estar na memória de todos: obrigado Fernando Pedrosa pelo muito que nos ensinou e continua a ensinar.

A manifestação imprevisível foi de Artur Agostinho.

Sei que me perdoa se nele simbolizar todos os adeptos de futebol. Cruzou-se comigo há algumas semanas, deteve-me e disse-me: “Fernando, consigo à frente da Liga, acredito que o futebol português vai melhorar”.

Meu caro Artur Agostinho, caros adeptos, caros associados. Respondo a este desafio com uma certeza: a nossa história escreve-se pouco do que dizemos, conta-se muito mais daquilo que somos capazes de fazer.

Juntos faremos tudo o que quisermos.

Muito obrigado!

Fernando Gomes, 7 de Junho de 2010